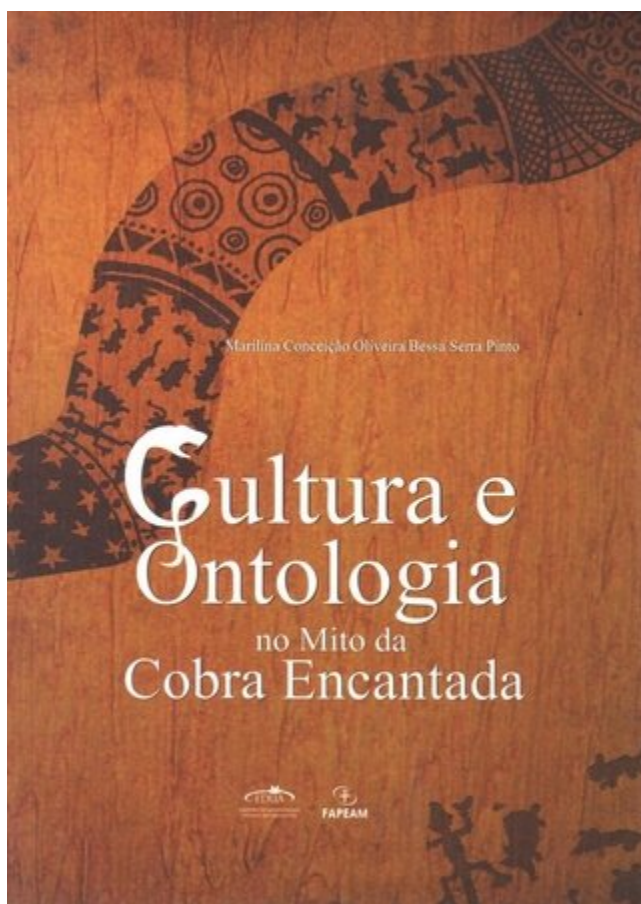

“CULTURA E ONTOLOGIA NO MITO DA COBRA ENCANTADA” DA DRA. MARILINA CONCEIÇÃO OLIVEIRA BESSA SERRA PINTO

Alex Sander Pereira Regis¹

<http://lattes.cnpq.br/8454743536777116>

<https://orcid.org/0000-0002-4423-404X>

Mitos para “adiar o fim do mundo”? A “Cobra Encantada” como floresta de



símbolos e princípio de renovação epistemológica. Como leitura científica, poética, literária, filosófica, artística, isoladas ou integradas, em qualquer caso, o presente *livro-cobra*, se oferece como banquete à inteligência e ao espírito humano em suas múltiplas variantes. É um livro para todos os tipos de leitores, que oferece diferentes germinações e metamorfoses segundo o interesse e abertura do interlocutor que o lê. O estranhamento com o termo *livro-cobra* se desfaz com o *encantamento* da leitura. O

preconceito e a ignorância também são filhos legítimos do *desencantamento do mundo*

¹Mestre em Sociologia (PPGS) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Professor substituto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Membro-pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Movimentos Sociais, Trabalho e Identidade (LEMSTI). E-mail: sanderbr.alex@gmail.com.

aludido e diagnosticado por Max Weber; por vias simbolicamente mais ricas, essa é uma das variantes ou leituras pescadas no interior do livro "Cultura e Ontologia no mito da cobra encantada" (EDUA, 2012) da Filósofa e professora da UFAM, Marilina Pinto.

Como convite à filosofia, ou à Ciência, Cultura e Mitologia, apresento algumas linhas e registros dos capítulos que configuram lógica e simbolicamente o livro. Linhas e registros, diga-se de passagem, já reconfigurados pela lente e escritura deste leitor. Em sua jornada que integra o pensamento mítico, filosófico e científico mobiliza alternadamente e em conjunto ao longo dos 5 capítulos: Lévis-Strauss e o 'pensamento selvagem' depreendido da metodologista estruturalista; articula a antropologia do imaginário de Gilbert Durand para ampliar a significação dos símbolos desde o imaginário antropológico amazônico; Interpela a teoria da imaginação em Bachelard para evidenciar o papel ou agência da água como princípio e motivador do 'dinamismo imaginante' que constitui as mitologias e se manifesta na poesia, música, literatura etc..; aciona Edgar Morin para 'finalizar' a formatação do corpus mítico como parte de um projeto Antropológico e político de organização da cognição e educação adequadas para um contexto globalizado, no qual o pensamento complexo é disposição fundamental para edificação do 'cidadão planetário'. Muitos outros colaboram nesse artesanato mítico-científico-filosófico integrantes do 'circuito dialógico' (p.246) que o livro encerra e transborda. Desde já, estão todos convidados à leitura.

"Jornadas Sinuosas", o primeiro e mais longo capítulo ilustra os termos metodológicos e os objetivos-preocupações de sua investigação registrados na introdução, a saber, a de explorar a riqueza da relação entre *logos e mythos* - inspirando-se em Fédon, de Platão - tendo como foco de análise o personagem mítico da grande serpente, presente na multiplicidade de cosmogonias e contextos culturais, inseridos e manifestos no repertório lógico, simbólico e epistemológico do mundo. Sim! Objetivos-preocupações, pois o 'objetivo inicial' da autora, era 'demonstrar que todas as estratégias cognitivas, utilizadas para pensar o mundo, devem ser valorizadas pela lógica da racionalidade' (Pinto, p.15). Seu objetivo principal já pressupõe a

articulação intrínseca entre epistemologia e política como constitutivas da investigação científica, donde se desdobra o argumento ou proposição segundo o qual toda epistemologia é ontologicamente política e toda política é ontologicamente epistemológica.

São 36 narrativas que tomando a simbólica ofídica como alfa e ômega de seu artesanato intelectual vai costurando sua malhadeira compreensiva e explicativa; fazendo sua pescaria de sentidos e lógicas a partir e através de seus próprios *movimentos ofídicos*.

A autora insiste em mais de uma passagem que recorte foi pensado a partir da realidade cultural amazônica, mas "à medida que o corpus mítico foi se configurando" os movimentos ofídicos foram evidenciando sua potência simbólica-cosmológica e assim "a imagem da grande serpente estendeu-se a outros cenários e contextos culturais distintos". O recorte é Amazônico, mas 'sem perder de vista que o centro da reflexão é o homem e suas múltiplas maneiras de pensar o mundo'.

O corpus mítico foi sendo tecido atravessando tempos e espaço, mares e oceanos, lógicas e simbólicas nos limiares de muitas tradições mitológicas, conectando gregos e amazônidas! O 'ponto de partida' é o mito Tucano-Dessana da criação do mundo, recolhido em uma oficina de Mitos no contexto de implantação do curso de licenciatura em filosofia em São Gabriel da Cachoeira, alto rio negro. Se é verdade que "A Terra dos mitos é oca e redonda, não existe um ponto de partida (Pinto, p. 114), não é menos verdade que sua matéria-prima é igualmente localizada, interpelada pela universalidade da agência humana localizada no tempo-espaço.

O 'ponto de chegada' - depreende-se da leitura - quando se trata do mito, nunca chega, é sempre repetição, recomeço, transformação, germinação, novas emergências na interseção entre o velho e o novo, o temporal e atemporal. A 'canoa-cobra' Tucano-Dessana se transporta e transfigura, dialogando e se fazendo universal em outras humanidades; Gregas, Romanas, Chinesas, Japoneses, Árabes, Africanas, Australianas etc.. constelação de humanidades. Nessa orientação metodológica e epistemológica, o objetivo é extrair as estruturas mentais universais por trás dessa

variação cultural que a adaptação do 'espírito humano' assume em seus modos de existência.

É assim, que a 'cobra encantada' vai se revelando em suas infindas roupagens, tradutoras da riqueza antropológica da humanidade, tecnologia ofídica que formula e coloca em operação soluções que "as normas culturais são incapazes de executar".

"No decorrer das narrativas, a serpente transformou-se em estrela e arco-íris; deu origem a acidentes geográficos; uniu-se incestuosamente às mulheres; assumiu a paternidade de seres híbridos, promoveu dissensões e conjunções; fundou as artes civilizatórias, ensinando aos homens os segredos da agricultura e da manufatura da cerâmica, e concedeu o fogo. Confeccionou os protótipos da futura humanidade com o milho; revelou o segredo do bem e do mal ao casal adâmico no Jardim do Éden; manteve-se fiel guardião de tesouros preciosos. Como consequência de sua morte, criou a diversidade multicolorida das penas que enfeitam os pássaros" (Pinto, p. 17).

Esta síntese dos movimentos ofídicos, traduzem segundo a perspectiva de Marilina, na esteira do estruturalismo de Lévi-Strauss, expressões lógicas do pensamento e do espírito humano em sua trajetória imemorial em sua caminhada terrena; sintetiza, portanto, um acúmulo lógico e simbólico de cujo rico repertório pode ser acessado e atualizado para resolução de desafios e problemas do tempo presente. Atemporal que se conecta e se retroalimenta do temporal.

"Nas narrativas míticas observadas, a serpente relaciona-se com os quatro princípios básicos da natureza água, céu, terra e ar cuja mistura compõe harmoniosamente a ordem do universo, de acordo com o testemunho das cosmogonias: a noite, as plantas cultivadas, a policromia dos pássaros, a origem dos peixes, a composição topográfica dos rios, as estações, o transporte da humanidade, os desenhos decorativos dos utensílios, as flechas mágicas, a conquista do fogo, o combate do bem contra o mal. Todos esses feitos apontam para a riqueza de ações do personagem ofídico, protagonizadas no cenário do drama da criação" (Pinto, p. 116).

Em um processo rigoroso de identificar e evidenciar o pano de fundo comum entre uma multidão de narrativas, cosmogonias e cosmologias, Marilina buscou não apenas situar a universalidade do imaginário antropológico amazônico como patrimônio cultural a ser resguardado, mas igualmente situar o mito 'enquanto manifestação coletiva e afirmativa de uma maneira peculiar de conhecer o mundo', de ajudar na 'reflexão sobre a constituição do imaginário regional e nacional' (p.19) e, finalmente ou sobretudo, propor uma reflexão - que se movimenta e emerge de diversas formas ao longo da investigação - em torno de uma política cognitiva de

renovação do campo epistemológico, reabilitando o pensamento mítico-simbólico na cosmovisão que se pretende moderna.

Narrativas sobre a origem do homem, natureza e cultura, essa tríade de categorias que dançam como a Lila da cosmologia védica; brincadeira cósmica de criar, manter e destruir o universo material. Em seu conjunto, as metamorfoses do primeiro capítulo representam essas operações lógicas e simbólicas, racionais e sensitivas, epistemológicas e políticas, de criação, manutenção e destruição do universo humano e não-humano.

Para não deixar de registrar, como consequência epistemológica e política, insere-se no amplo movimento de recusa/renovação das Ciências Sociais, mais distante ou próximos temporalmente.

Em que medida sua investigação insere-se no movimento teórico "Para abrir as Ciências Sociais" de Wallerstein (1996)?

Como pode traduzir a busca de renovação epistemológica "Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social" tendo em vista uma 'justiça cognitiva' global tal como proposta por Boaventura (2007)?

São várias perguntas que interpelam a investigação contida no livro e podem oferecer insights valiosos para pensar e repensar - desde as cosmogonias e cosmologias amazônicas em sua universalidade - os desafios colocados pelo mundo contemporâneo globalizado afogado em múltiplas crises convergentes (complexo de crises); social, política, econômica, mental, ambiental, epistemológica.

Ianni (1998) bem sintetizou alguns impasses e desafios da crise teórico-epistemológica no âmbito da globalização, diante das quais as perspectivas inter e multidisciplinares traduziriam alguns dos seus enigmas (enigmas da 'modernidade-mundo) e espaço para superar 'perspectivas estritas' 'carentes de realidade, consistência e verossimilhança'.

Sim! Podemos sugerir que a investigação que transpira nas páginas do ..'mito da cobra encantada' insere nesse 'espírito de época' mais amplo de recusa/renovação das Ciências em geral, e das Ciências Sociais em particular. Os movimentos e debates epistêmicos e políticos mais recentes no âmbito do chamado Decolonialismo são

apenas a 'ponta do iceberg', no qual os perspectivos e cosmopolíticas ameríndias galgam nova escala de recusa e afirmação, reconhecimento e protagonismo.

Hoje, sob a denominação de 'Cosmopolítica', na tendência ou atmosfera amplificadas na mídia pelas vozes e proposições de Kopenawa e Krenak, a centralidade dos mitos no *devir-epistêmico* de um mundo globalizado parece evidente, mas não o é; basta observarmos os PPC's (Projetos Políticos de Curso) e as ementas dos cursos da UFAM (Universidade Federal do Amazonas) para concluirmos que temos ainda um longo trabalho a ser feito na academia e na sociedade. Parte dessa abstração, chamada sociedade, adquire fisionomia, conteúdo e agência nas salas de aula repletas de alunos - egressos do ensino público e privado - no qual as vozes e identidades, valores e cosmologias dos povos e nações amazônicas parecem ressoar distantes, como 'cotas' temáticas de um saber classificado como primitivo e pré-moderno. Não nos enganemos, termos doutores indígenas é apenas a ponta do iceberg das mudanças estruturais necessárias para a renovar a gramática e a cognição de um mundo ainda sutilmente governado pela 'máquina antropológica do ocidente'.

A matéria-prima *ofídico-reflexiva* da 'Cobra Encantada' é uma camada ou elo dessa recusa/renovação da Ciência e certamente potencializa esse movimento epistêmico cima referido, desde a Amazônia.

Recusando-se a cair nas armadilhas das simplificações do circuito *baixo catersianismo* sobre as categorias de Cultura, Ontologia e Mito; recusou-se a ânsia científica tresloucada de torná-los 'operacionais' a qualquer custo, convertendo-os em conceitos-ilha, que sem a devida contextualização e vigilância epistemológica, recortam a realidade em busca de 'clareza e precisão' e recolhem migalhas da inteligência esfacelada face aos moldes disciplinares.

Sua recusa, no entanto, não é de mera rebeldia juvenil, ao contrário, traduz uma afirmação chamada Interdisciplinaridade, que, por um lado, afasta-se das 'ilhas de racionalidade' e 'epistemologias da dissociação do saber' e aproxima-se da 'razão aberta', que nutre-se de um princípio de organização do saber segundo o qual está afirmação traduz-se em prática interdisciplinar que integra e articula politicamente - Cosmopoliticamente - distintas e plurais formas de saber e conhecimento.

No livro em questão, a proposta da autora é a reconciliação e interfertilização entre mito e razão, em particular. As aspas precedentes ressoam a proposta de interdisciplinaridade tal como concebida por Japiassú (1994), como uma prática eminentemente política, "como uma negociação entre diferentes pontos de vista tendo por objetivo decidir uma representação considerada como adequada em vista de uma ação". Se é verdade que seu tom narrativo tem a generosidade, tal como o Mito - de acolher uma multiplicidade de variantes em termos de leitura e interpretação - não é menos verdade que disponibiliza em sua prática de contatos interdisciplinares (metodológico e epistemológico), sugestões ético-políticas. Sugestões que reverberam "aqui e acolá", como uma constelação silenciosa que ousa aparecer em camadas ao longo dos capítulos do *livro-cobra*, fazendo germinar suas próprias humanidades, simultaneamente internas e externas ao próprio livro.

No limiar do segundo capítulo, "Epistemologia Imagética", anuncia um dos núcleos centrais de sua investigação:

"Dialogar com a natureza e os homens é uma tarefa muito mais complexa do que qualquer programa educativo de domesticação do pensamento. (...) Novas concepções de mundo anunciam-se no horizonte da história. O etnocentrismo ocidental deverá ceder espaço ao ecumenismo cultural, promovido pelo intercâmbio das vivências. (Pinto, p. 120).

Na medida em que apresente uma visão ampliada de cultura, como sistema de regulação no qual funcionam instâncias contraditórias, a qual reúne formas simbólicas diferenciadas que nunca se esgotam (p.124), sintetiza que o conjunto de narrativas ofídicas são visões de mundo e fontes de conhecimento legítimos. Através do simbolismo da serpente que encerra múltiplos significados – "perenidade ancestral, sabedoria que convive com a vida e a morte, fecundidade e transformação temporal", "as estruturas do imaginário" se constituem em "matérias-primas para o estudo das culturas.

"Natureza simbólica e realidade material não se excluem, porque os homens se comunicam por meio de símbolos. Esses operadores simbólicos são objetos da antropologia, e o estudo dos mesmos pode mostrar a invariância subjacente às diferenças presentes nos conjuntos das culturas, demonstrando que os homens de todas as épocas e lugares diferentes utilizaram o mesmo equipamento mental para a elaboração de suas cosmovisões" (Pinto, p. 123-4).

É na direção de uma crítica simbólica-mitológica ao ‘empirismo restrito’ (L.Strauss) que Marilina desdobra seus argumentos e proposições em favor da interdisciplinaridade e da complexidade como pilares da renovação epistemológica no mundo contemporâneo. Aqui o Mito, em seu *devoir-Ofídico-Amazônico* assume sua centralidade como ator legítimo da cooperação interdisciplinar.

“O Mito, enquanto fenômeno cultural, é objeto de bases epistemológicas novas, empenhadas em demonstrar que essas narrativas não são apenas o reflexo atenuado de uma forma de racionalidade. Ele é um mercado cognitivo que funciona utilizando dispositivos do imaginário, objeto de estudos de várias disciplinas, como a psicanálise, a literatura, as hermenêuticas religiosas e as artes em geral” (Pinto, p. 126).

Por fim, finalizo a exposição desse recorte que fiz do livro de Marilina com o registro de uma última passagem, que coloca em relevo sua intenção epistemológica-política sugerida acima:

“Os mitos estão à disposição dos homens, para lhes ensinar o cultivo de uma convivência pacífica entre todos os seres vivos. É preciso reinvestir a cognição no renascimento da natureza, na polifonia das culturas, na imensurabilidade da espiritualidade, na transcendência da arte, na defesa irrevogável dos direitos do homem, da natureza e da vida. As mudanças paradigmáticas que estão ocorrendo nas ciências devem repensar a posição humana perante todas as espécies, a fim de que o homem seja visto como parte integrante desse sistema e não somente como manipulador dele. É necessário reivindicar a utilização do imaginário nas elaborações epistemológicas, para que os registros cognitivos, como a arte, a espiritualidade e a própria ciência possam trabalhar em conjunto” (Pinto, p. 135).

Sim! “O estudo do mito implica a descoberta de uma outra forma de raciocinar”. Forma de raciocinar que é detalhada nos demais capítulos, no qual as dimensões lógicas e simbólicas do mito se manifestam entremeadas em prosa e poesia, música e literatura, sempre tendo em vista a ação do personagem mítico. Ação que é,” prioritariamente criadora e pedagógica” (Pinto, p. 197) e desejosa de “abertura para a tolerância e compreensão sobre a diversidade das *cosmovisões* existentes” (Pinto, p. 230). Aqui seu alinhamento com o projeto antropológico de Morin se torna evidente, na perspectiva de superar o paradigma científico clássico – em crise, mas ainda hegemônico – integrando o Mito e suas narrativas imaginário-simbólicas como elementos inseparáveis do ‘universo empírico-racional’.

A Simbólica ofídica encerra muitos devires lógicos; lógica de similaridade, de contradição, integração, ordem e desordem etc...a serpente em sua simbólica deglute

todas as formas e oferece - no tempo-espaço finito - aos seus buscadores, legisladores e intérpretes a matéria-prima a partir da qual conferem sentido às suas existências singulares. Singularidades finitas nascidas, fecundadas, desde o nascedouro simbólico da Serpente Encantada. Serpente Cósmica que se atualiza em mil e uma direções. Potência que desdobra e se ativa em múltiplos devires e formas de existência. Sim. Por vias recônditas a serpente nos interpela, toca, transforma; se faz narrativa e literatura, lógica e conceito, filosofia e antropologia, corpo e espírito, ciência e intuição, simbólica e diabólica.

Como tecnologia inflexível diante das contradições, podemos propor que o mito se atualiza e transfigura como Cosmopolítica ou Cosmotécnica (Hui, Yuk, p. 2021) para os desafios críscos da interdependência planetária, sugerindo formas de existência que convivem, dialogam e resistem criativamente na defesa e construção - em ampla escala - dos princípios ético-político-epistemológicos comuns relativos a paz, tolerância, cuidado, reciprocidade, humildade, alteridade etc..sem os quais a interdisciplinaridade e complexidade se tornam inúteis para lidar com as discriminações, desigualdades, intolerâncias, xenofobias, racismos e violências que se alimentam dos medos, ódios e simplificações sociológicas que reduzem a diferença e o "outro" em registros cognitivos de teor fascista. Mais uma germinação possível!

Como toda obra humana, real ou imaginário, científica ou mitológica, possui seus limites e imprecisões, menos como defeito e mais como efeito e condição da própria existência humana; que embora aspire e deseje o infinito, a utopia e a totalidade, em sua pescaria terrena, só pode capturar fragmentos do cosmos no qual está mergulhado, roupagens e devires da 'Serpente Cósmica'. Que os defeitos sejam pescados com maior 'eficiência' pelo circuito do *baixo cartesianismo*, essa camada mitológica da máquina antropológica do Ocidente com a qual o antropoceno se nutre. Aqui, nesta 'cobra-canoa' do *Devir Rio-Negro* do mundo, estamos germinando outra Uni-versidade; mais distante das monoculturas da mente e mais enamorada das ecologias de saberes.

REFERÊNCIAS

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. Boitempo Editorial, 2007.

IANNI, Octavio. **As ciências sociais na época da globalização**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 13, p. 33-41, 1998.

JAPIASSU, Hilton. **A questão da interdisciplinaridade**. Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular, v. 1, p. 1-5, 1994.

PINTO, Marilina Conceição O. **Cultura e ontologia no mito da cobra encantada**. Manaus, EDUA, 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel et al. **Para abrir as ciências sociais**. Lisboa: Europa-América, 1996.

YUK, H. U. I. **Cosmotecnica: la questione della tecnologia in Cina**. NERO Editions, 2021.